

olhos

Áurea Cunha
Caroline Lopes
Exedito Rocha
Harry Schinke
Jac Gimenes
Júlio César Fornari
Lalan
Mayara Brecher

palavra

Alana Hauptt
Betania Neves
Daniela Schlogl
Carlos Luz
Chantal Bertrand
Claudio Salvador
Fábio Campana
Izabel Campana
Lilian Alcântara
Mayumi Takahashi
Montezuma Cruz
Sérgio Napp
Silvio Campana
Sônia Vendrame
Thiago de Mello

escrita 14

guatá - cultura em movimento



**Futebol na NET
é assim:**

**a torcida
entra no jogo!**



004

Instalações disponíveis no Centro, Vila B, AKLP, Polo Centro e partes da Vila Maracanã e Jardim Central.

www.netfoz.tv.br FONE 2102-0533

NET
SEMPRE UM BOM PROGRAMA

Chopp e cervejas
Bebidas destiladas
Vinhos finos
Drinques
e sucos naturais

Petiscos e pratos regionais



City Bier

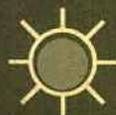
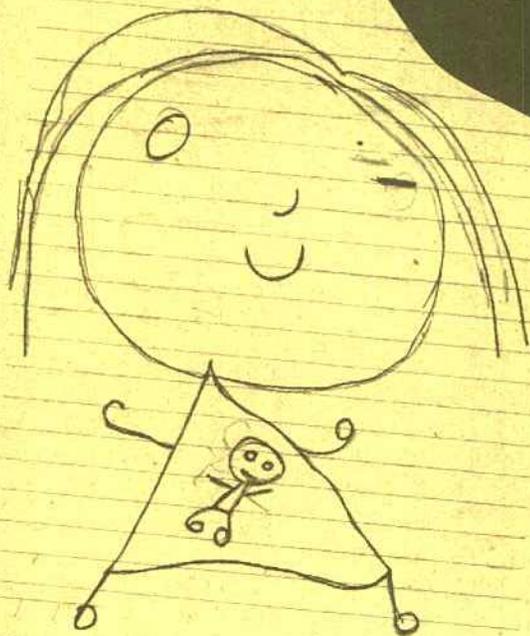
PETISCARIA

**Sabor e descontração
no coração da cidade!**

De Segunda a Sábado, serviço a la carte, a partir das 16 horas
Aos sábados, almoço com cardápio especial em buffet livre.

Reservas pelos fones: ⁴⁵ 3025.3977 e 9954.3969
Mal. Deodoro, esq. com Quintino Bocaiúva, CENTRO, Foz do Iguaçu, Pr.

“



Texto:

fragmento do poema "Os Estatutos do Homem",
de Thiago de Mello, poeta brasileiro

Ilustração:

Desenhos de Arthur Rocha Fornari, 5 anos,
descobridor do mundo em Foz do Iguaçu, Pr.

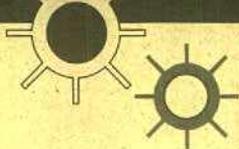
(...)

ARTIGO FINAL

Fica proibido o uso da palavra liberdade,
a qual será suprimida dos dicionários
e do pântano enganoso das bocas.

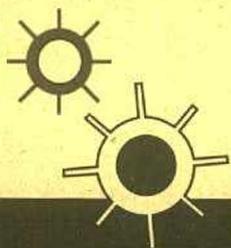
A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
e a sua morada será sempre
o coração do homem.

”



memória

Com o vale do rio Monjolo em primeiro plano, uma vista parcial de Foz do Iguaçu, na década de 30. Destaque para um avião, que sobrevoa a cidade. Olhar de Harry Schinke.



escrita 14

- 03 - Tirando de Letra
- Thiago de Mello e Arthur Fornari
04 - OLHOS - Harry Schinke
06 - Último eclipse - Montezuma Cruz
08 - Poesia - Sérgio Napp
09 - OLHOS - Mayara Brecher
10 - Poesia - Carlos Luz
11 - OLHOS - Expedito Rocha
12 - OLHOS - Caroline Lopes
13 - Poesia - Chantal Bertrand
14 - Parque Antropológico - Claudio Salvador
15 - Poesia - Mayumi Takahashi
16 - OLHOS - Impressões - Áurea Cunha
18 - Bartolomé de Las Casas - Fábio Campana
21 - Poesia - Daniela Schlogl e Lílian Alcântara
22 - O passageiro da poltrona 21 - Sônia Vendrame
25 - OLHOS - Jac Gimenes
26 - Quando te vuelva a ver - Izabel Campana
27 - OLHOS - Lalan
28 - Olhos&Palavras
- Betânia Neves, Daniela Schlogl e Lílian Alcântara
30 - Um Toque - Mayumi Takahashi



Olhando os desenhos do menino Arthur, ao abrir esta edição, posso dizer que nascemos para contar. Afinal, o gosto da vida é experimentar e expressá-la socialmente. Sentir, imaginar, lutar, fazer. E depois, conjugar o verbo bonito de traduzir a mesma experiência em tantas linguagens diferentes, únicas.

Áurea Cunha retratou cena de "Girassóis", espetáculo montado pelos integrantes do "Plugado!".

Os adolescentes do projeto da Casa do Teatro contam sobre utopia e humanidade.

E esta edição está impregnada dessa subjetividade. Primeiro, na prosa. Seja por relatos minuciosos, como o testemunho do jornalista Montezuma Cruz sobre o último eclipse total do século XX, seja pela crônica delicada onde Izabel Campana faz justiça à hospitalidade portenha. Depois, nas palavras cuidadosamente colecionadas pelos que, de forma epidêmica, transformam a Escrita em um desaguadouro poético.

Por último, o contar que está nas ilustrações de Lalan e Mayara Brecher e em fotos como as de Áurea, Caroline, Jac e Júlio. Todos esses, acompanhados, da justa homenagem à Expedito Rocha, uma madeira resistente que a militância e a vida ensinaram a se expressar na arte da escultura. Boa leitura.

☀ Silvio Campana

Escrita é uma publicação

da Associação Guatá - Cultura em Movimento, entidade de finalidade artístico cultural, sediada em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da entidade.

Conselho editorial: Carlos Luz, Maria Benedita, Paulo Bogler, Richard de Souza e Silvio Campana

Editor: Silvio Campana - Mtb 20572 - 3023/11131.

Revisão: Carmen dos Santos, **Foto da Capa:** Áurea Cunha,

Projeto Gráfico: Silvio Campana,

Colaboram nesta edição:

Arthur Fornari, Áurea Cunha, Betânia Neves, Carlos Luz, Caroline Lopes, Chantal Bertrand, Claudio Salvador, Daniela Schlogl, Expedito Rocha, Fábio Campana, Harry Schinke, Izabel Campana, Jac Gimenes, Lalan, Lílian Alcântara, Maria Cristina Lobregat, Mayara Brecher, Mayumi Takahashi, Montezuma Cruz, Sérgio Napp, Silvio Campana, Sônia Vendrame, Thiago de Mello

Fotolitos e impressão: Gráfica Ideal
Tiragem desta edição: 2.000 exemplares

Visite-nos:

www.guata.com.br

Contate-nos:

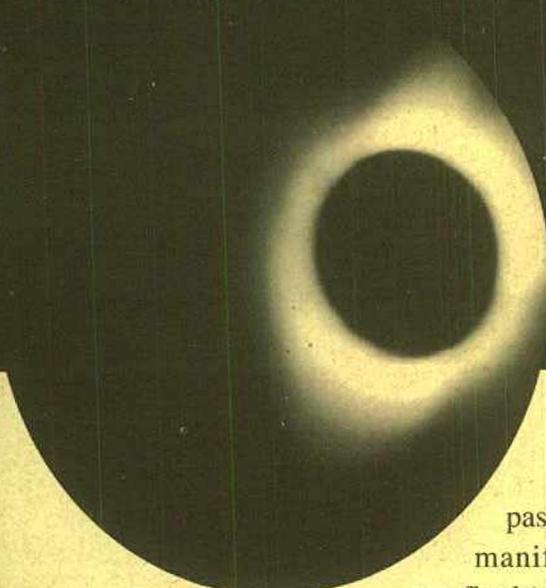
guata@guata.com.br

twitter

[guata_cultura](https://twitter.com/guata_cultura)

Guatá
cultura em movimento

escrita 05



uma crônica de montezuma cruz

fotojornalismo: áurea cunha (novembro de 1994)

O último eclipse

Três de novembro de 1994, quinta-feira. Enquanto cientistas montavam seus gigantescos telescópios e lunetas às margens das Cataratas, ricos, classe média e ralé desfilavam pelo centro da cidade. Participantes da concentração de aproximadamente mil pessoas na terceira pista da Avenida JK divertiam-se com as evoluções e o canto do grupo “Quintal de Clorofila”. O palhaço Mazzaropi também dava o ar da graça. Todos, suadíssimos.

Muito mais que os cinco minutos de espetáculo com repercussão internacional, o último eclipse do sol no século

passado transformou-se numa autêntica manifestação de fé. Nós, terráqueos, finalmente sentíamos, bem perto, forças superiores manifestadas sobre véus astronômicos. “O Sol vai trazer muita paz para todos”, dizia uma das músicas.

Às 9h já havia gente no local. Ao som de uma fita-cassete com música da Xuxa, o palhaço jogava balas para as crianças. Homens e mulheres trajavam roupas bonitas. Chapéu preto na cabeça, o cuiabano aposentado, ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira, Antero da Silva, esnobava um impecável terno branco. “Só vi um eclipse quando era menino”, dizia.

Durante três meses, professores, administradores e alunos de escolas públicas estaduais, municipais e particulares ouviram palestras com vídeos alertando sobre o risco de cegueira, se observassem o fenômeno a olho nu. A Fundação Cultural confeccionava e distribuía milhares de óculos especiais para a ocasião.

Meia hora antes da escuridão, o emocionado maestro da Banda Municipal, Pedro Marques, lembrava-se do primeiro eclipse que vira, em 1940, na sua terra natal, Manicoré (AM). “Eu não usava proteção alguma. Levei foi uma bronca de minha mãe. Criança, sempre teimosa, né?”.

Os então secretários municipais Hugo Galeano (Fazenda) e Aluiziô Palmar (Comunicação Social) conversavam com a multidão. “Olhem aquela estrela no lado direito do Sol e da Lua: é o Planeta Vênus, o mais próximo da Terra”, explicava no alto de um trio elétrico o diretor da Fundação, Haroldo Alvarenga.

Às 10h43 a noite chegou. A Lua cobria o Sol. Ouviam-se palmas, assobios, gritos. Ônibus desciam a avenida com lâmpadas e faróis acesos. Nos postes, algumas luminárias também acenderam. O pedreiro mineiro e pastor evangélico Onofre Dimas Amâncio, que vira um eclipse aos dez anos de idade durante a colheita de café com o pai e os irmãos, dava o seu recado: “Meu pai acendeu

NOTA: O autor era repórter da sucursal da *Folha de Londrina*. Teve a oportunidade de ver o espetáculo no céu, usando aqueles óculos esquisitos de filtro 14, distribuídos pela Fundação Cultural.



uma fogueira antes de chegar a escuridão; Deus, que tudo fez, deu inteligência ao homem, mas isso não permite que ele penetre nos Seus mistérios”.

Quatro minutos e pronto! – após contemplarem o céu os iguaçuenses voltavam à mesmice. Ainda sem internet, as reportagens detalhadas saíam nos jornais do dia seguinte, destacando, entre outros assuntos, que membros da Sociedade Astronômica do Canadá comemoravam ter visto o “anel de diamante”. Ele aparece logo depois que a Lua encobre o Sol.

Com equipamentos montados no antigo lixão do Aeroporto Internacional, esses canadenses comandados por Edward Kaprielian, viram ainda o shadow band, uma espécie de sombra que dá a impressão da existência de duas luas. “Fantástico”, resumia.

Em casa, milhas filhas Ana Terra e Bárbara Cristina confirmavam, entusiasmadas: quando começou a escurecer, o galo e as galinhas subiram no poleiro; o papagaio louro Garibaldi cantarolou alto no galho da árvore vizinha ao quintal da catarinense Maria Minon Barrios Gonçalves, fazendo-se ouvir no M’boici.

Por alguns minutos, os bichos silenciavam. Diante da nossa pequena compreensão do Universo, a Mãe Natureza e os astros se etemizavam mais uma vez naquele dia especial, inesquecível. ☀

A NOITE EM PLENO DIA

No Refúgio Biológico Bela Vista, da Itaipu Binacional, macacos agitavam-se durante a duração do eclipse. Gritavam muito e se batiam contra as telas de arame dos viveiros. Tartarugas entravam nas tocas.

Nos viveiros do Parque Foz Tropicana, pesquisadores observaram revoadas que normalmente só ocorrem nos finais de tarde. Garças e socós tiveram comportamento noturno; mutuns paravam o canto de acasalamento e buscavam abrigo, registrava o repórter Mauri König.

O biólogo e diretor técnico do Parque das Aves, Zalmir Cubas, explicava que a luz solar influi diretamente no comportamento fisiológico dos pássaros. A maioria das aves não sobreviveria a 72h sem luz, “porque não adquiriram o hábito de se alimentar no escuro”.

O mirante do Salto Floriano recebia visitantes esotéricos duas horas antes do fenômeno. Eles consideram as Cataratas uma grande fonte de energia. *Andorinhões* se agasalhavam para a noite brevíssima, registrava a repórter Ana Maria Mejia.

A botânica Taísa Nadal, da Faculdade Tuiuti (Curitiba) percebia o movimento dos quatis, rumo ao mato. Logo eles, acostumados que são a tomar alimentos e objetos de turistas.

Gritos de euforia, abraços e choro saudavam um tucano que sobrevoava a área próxima ao mirante, pousando desorientado numa palmeira na frente do Hotel das Cataratas.



Montezuma Cruz é jornalista em Brasília, DF.
Áurea Cunha é fotojornalista em Foz do Iguaçu, Pr.

Gebing
Transportes Ltda.

Fretamento
para roteiros
urbanos
e viagens
intermunicipais.



Pacotes especiais para:

- Escolas
- Igrejas
- Empresas
- Eventos culturais

Tel: (45) 3525 0520

(45) 9926 1231

Foz do Iguaçu - Pr.

epidemiadepoesia

toda palavra nos ferra
com sua marca indelével

lonjura
lembra o silêncio
no entardecer

destino
punhal suspenso
na esquina do coração

e solidão
é uma estrela
que se esqueceu de nascer

tantas são as palavras
nas terras em que se lavra
o duro ofício de ser
que às vezes perde-se o rumo

vigiar então é preciso
e procurar dia e noite
aquelas que nos devolvam
o pão e o sol do viver

feito a palavra ternura
quebrando o gelo dos homens

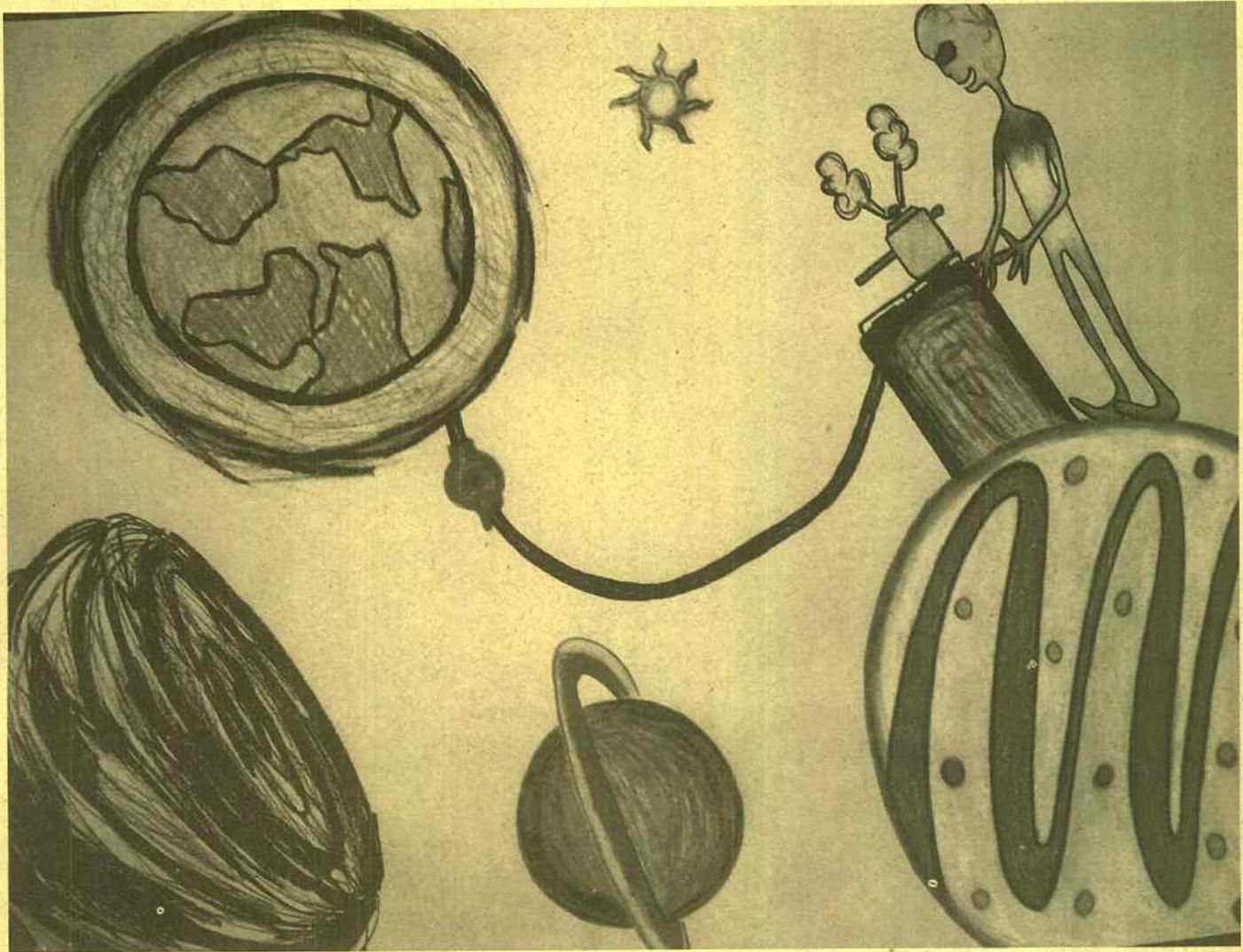
feito a palavra coragem
sangrando novos caminhos

feito a palavra amizade
nos ensinando a crescer

roteiros



Sérgio Napp é engenheiro civil,
escritor e compositor em Porto Alegre, RS



mundos

Desenho de Mayara Brecher, estudante de Fisioterapia, em Foz do Iguaçu, Pr.

salvem um anjo

*mote: quem não cuida da própria espécie
não tem capacidade para cuidar de outras...*



Carlos Luz é jornalista
e poeta em Foz do Iguaçu, Pr.

anjo vem do grego
e significa mensageiro
como as cigarras
anunciantes do verão

anjo é autoluminoso
diferentemente
de planetas e luas
é sol, é estrela

anjo não traz culpa
nem pecado original
anjo é a forma idêntica
de quem o concebeu

anjo não é um deus
mas tem asas
e por isso mesmo
discretamente, é divino

anjo é uma criatura pura
uma criatura inocente
uma criatura delicada
mas estão ameaçados

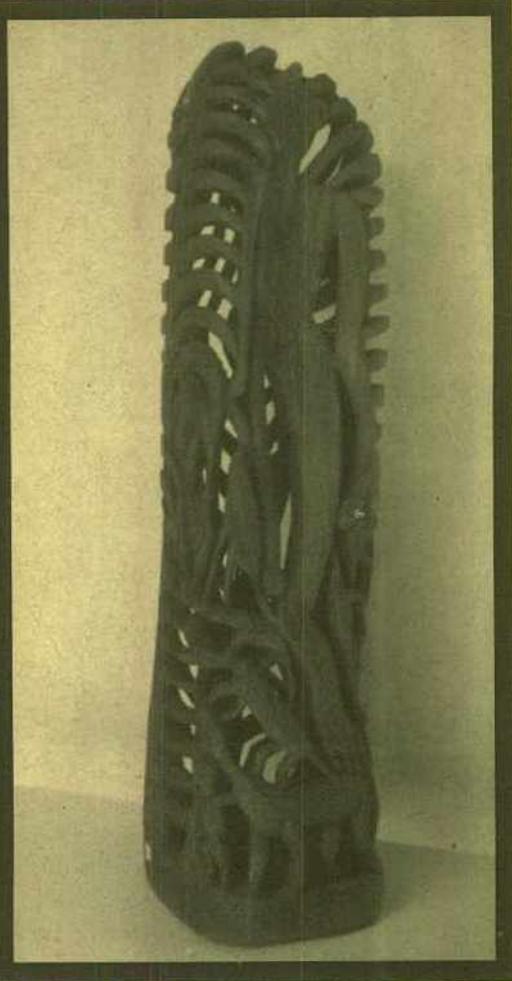
anjos imaginários
povoam as artes
mas anjos reais
estão bem na nossa frente

salvemos os golfinhos
as tartarugas, os nêmores
salvemos os ursos polares
as baleias, os micos-leões

salvemos os pandas, as árvores
depois de não termos
mais nenhum anjo
esmolando num semáforo

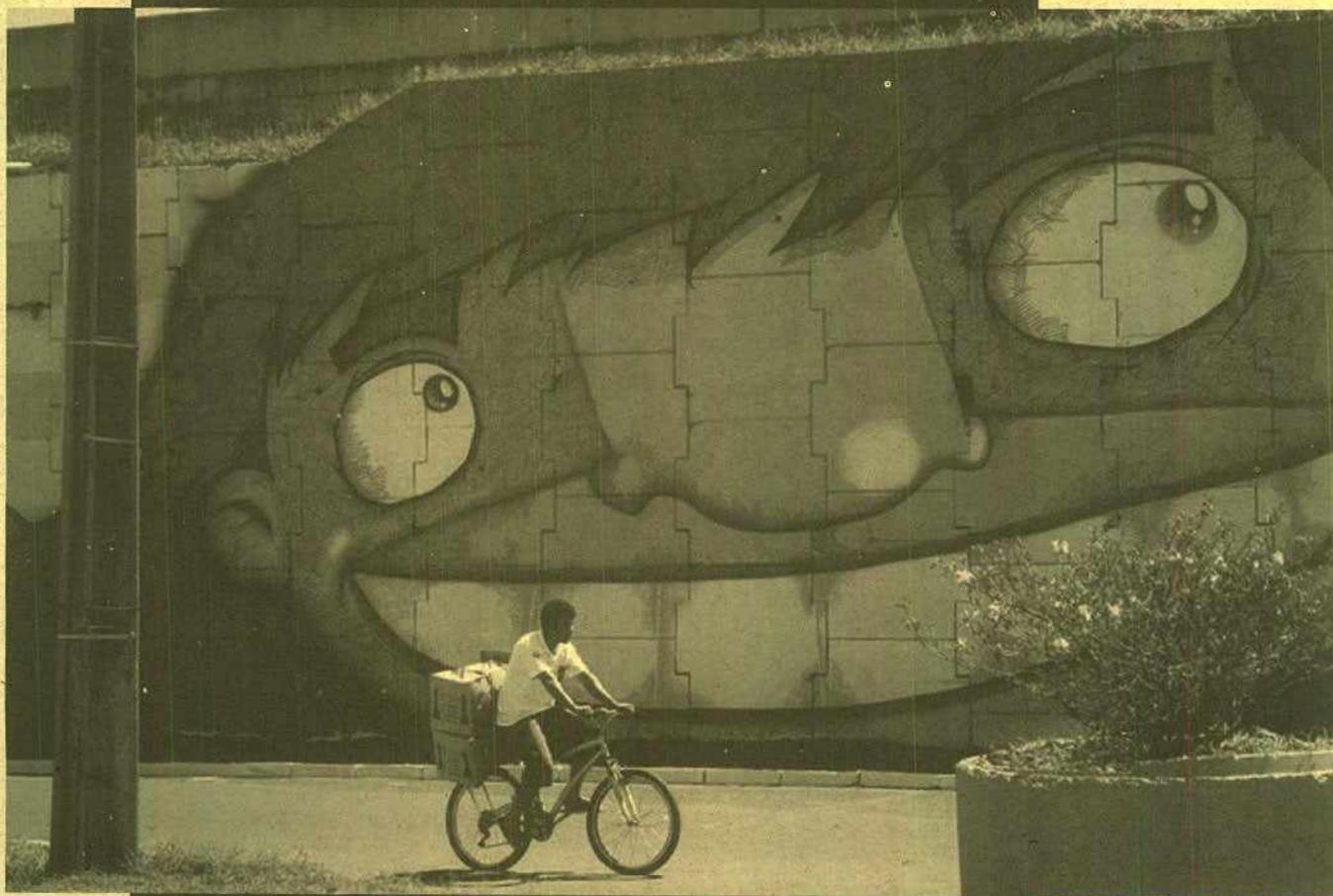
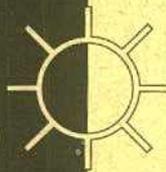
salvemos os cachorros de rua
mas, antes de tudo
salvemos nossos anjos
ou não salvaremos nada

nem ninguém...



Obras em madeira
de **Exedito Rocha**,
escultor paranaense.
In memoriam

olhos
soujo

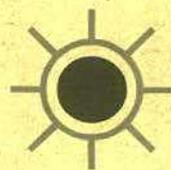


meio-dia

Fotografia de **Caroline Lopes**,
turismóloga e fotógrafa em Foz do Iguaçu, Pr.

o

12 *escrita*



Foz do Iguaçu! *Chantal Bertrand*

Foz do Iguaçu, cette belle ville aux cent visages,
Ornée de tant de fleurs et d'arbres chatoyants;
Zélée car ville incontournable pour les touristes sincères;

Dotée de plein d'attraits et d'une population magnifique;
On vient ici, loin des sentiers battus, découvrir la diversité

Imaginez cette ville charnière en plein essor!
Gratifiée des plus belles chutes du monde,
Une ville colorée et pleine de vibrations
Assurément, la force d'attraction de Foz est palpable
C'est ce qui restera gravé au fond de ma mémoire
Un souhait ! Garder et prolonger pour longtemps le bonheur de connaître Foz!

*Foz do Iguaçu, esta linda cidade com cem caras,
Ornamento com tantas flores e árvores cintilantes;
Zelada, esta cidade é inevitável para turistas sinceros;*

*Dotada de muitos atrativos e de uma população encantadora
O turista vem aqui, longe dos caminhos batidos, para descobrir a diversidade*

*Imaginem esta cidade articulada, em pleno crescimento!
Gratificada com as mais belas quedas no mundo,
Uma cidade colorida e cheia de vibrações
Atraentes, a força de atração de Foz é palpável
Certamente ficará gravado no fundo da minha memória
Um desejo: guardar e prolongar o prazer em conhecer Foz do Iguaçu !*



Chantal Bertrand, francesa, aposentada, esteve em Foz do Iguaçu a passeio na primavera de 2010. De volta ao seu país, resolveu homenagear a cidade brasileira com uma poesia.

Impressão colorida laser
Encadernação
Plastificação
Laminação
Crachá
Cópia

Til
Reprografia

til@tilreprografia.com.br
3572 8703 | Av. Paraná 960
www.tilreprografia.com.br

Aurea Cunha
Fotografias

Fotojornalismo
& Publicidade

(45) 99774490

SuOtel
pastelarias

FOZ DO IGUAÇU

• Rua Quintino Bocaiuva, 653, Centro
(Quase esquina com Av. Brasil)

Telefone: (45) 3572.5272

• Rua Xavier da Silva, 649, Centro
(Em frente à Prefeitura Municipal)

Telefone: (45) 3523.9101

El Parque Antropológico

El cambalache del siglo XXI es aún más absurdo e insolente que el que imaginó Discépolo en su famoso tango. No hay que ser muy astuto para observar cómo “en la vidriera irrespetuosa de los cambalaches” actuales se exhibe una fauna mezclada. Soy de aquellos jóvenes que gritaban con desaforo, refiriéndonos entonces a los milicos asesinos de la dictadura, “castigo a los culpables”. Hoy creo que hay que hacer más lugar en las cárceles. O mejor aún, propongo que se construya un sitio “antropológico”, que sería algo así como un zoológico para mantener cautivas a las personas que nos están afanando todo. Exhibirlas en jaulas, con carteles alusivos a sus delitos financieros, políticos u otros productos mafiosos que pululan por ahí. Que, aunque los conocemos y sabemos que nos seguirán robando el futuro, con los votos se sostienen en el

poder como si nada pasara en la Argentina. Y es verdad, no pasa nada. O el algo que pasa no alcanza para nada.

Esta idea no tiene precedentes en la industria del turismo. Podrán hablar de la existencia de otros parques antropológicos pero este invento argentino será una sensación mundial. Ni el propio Disney soñó algo semejante. Abarca en un mismo concepto la recreación, el juicio social y el aprendizaje práctico de la historia. Sus hijos y ustedes disfrutarán arrojando maníes a los ejemplares cautivos detrás del enrejado.

Cierren sus ojos un instante. Ahora ábranlos, para poder seguir leyendo. Imaginen qué programa. Los domingos, podríamos llevar a nuestros niños al “antropológico”. El mismo sonido de la palabra los motivará para dar este paseo didáctico que trata de explicar tantos años de desidia y elecciones desperdiciadas. Y esto no es todo. Podemos interactuar con los párvulos: “Lo elegimos a patilludo porque no había opción”,

podemos decirles para atenuar la culpa. “Mejor malo y conocido que bueno por conocer”, sonaría fatal a los oídos de los herederos de esta obra maestra de la democracia argentina. “Este robaba, pero no tanto”; “afanaba pero hizo algo”. “Esta que ves acá, además de ser gorila, vendió las empresas del estado a precio de perejil”... El nene maravillado. Miraaaaaá pibe, “éste era un vivo bárbaro, la levantaba con pala con las coimas”. Qué basura, por favor.

Entre las denominaciones de “jardín” o “parque”, para mi Antropológico me quedo con esta última. Sí, “Parque antropológico”. Sería toda una atracción, no me lo pueden negar. Además, no hay nada para que hagan los niños en el destino turístico. Y tal vez ellos –los crédulos infantes argentinos- puedan aprender más en un paseo de lo que todos nosotros hemos aprendimos en estos últimos 35 años. ☀



Claudio Salvador é jornalista em Puerto Iguazu, Argentina.

epidemiadepoesia

CARLOS LUZ

mínimadirecionada
otrilhonagramaéindiferente
tantopragadoquantopragente

mínimamansa
quemnãosabeaforçaquetem
praqualquercangadizamém

Mínima I

Estou tentando até agora
Racionalizar o que sinto!
Sem avanços.

Mínima II

Que modernidade perversa!
Destitui a autoridade
E não extingue a necessidade dela!

DANIELA SCHLOGL

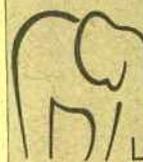


Carlos Luz é jornalista e poeta
Daniela Schlogl é arte educadora.
Os dois em Foz do Iguaçu, Pr.



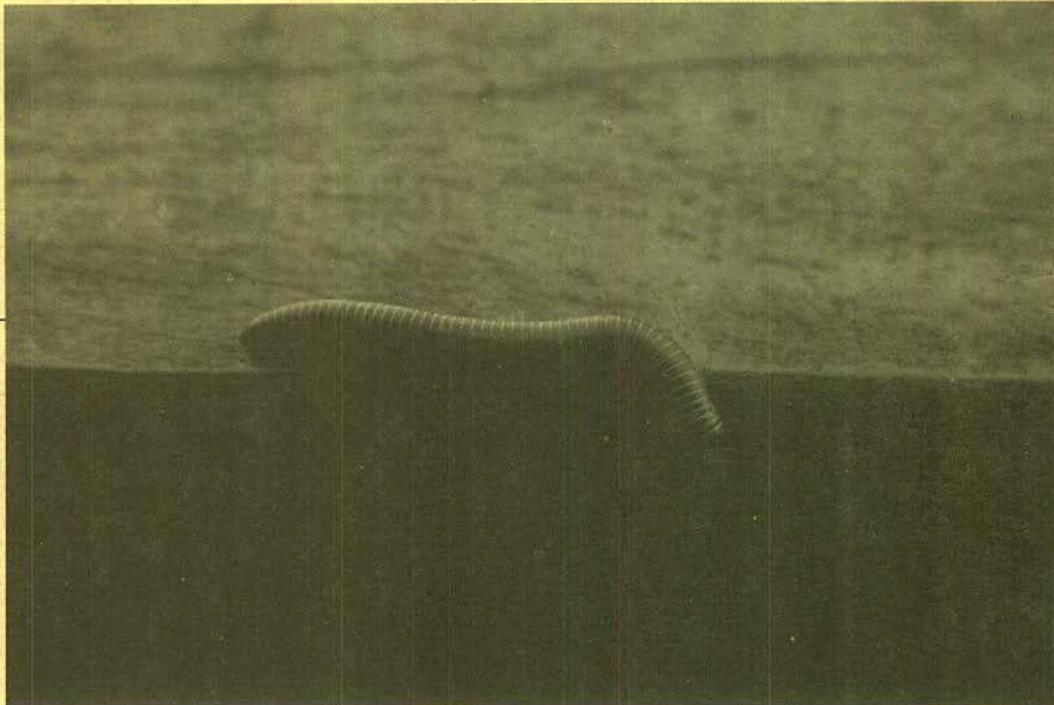
Arcimboldo

- ◆ 50.000 títulos disponíveis
- ◆ Livros raros e importados
- ◆ Livros didáticos e universitários
- ◆ Aceitamos encomendas
- ◆ Condições para estudantes e universitários na entrada escolar
- ◆ Condições para professores

 **Kunda**
Livraria Universitária

Centro

Rua Almirante Barroso, 1473
85851-010 - Foz do Iguaçu - PR
Fone/Fax (45) 3523-4606
livros@livrariakunda.com.br



áurea cunha

Impressões

parque nacional do iguaçu



um ensaio de Fábio Campana

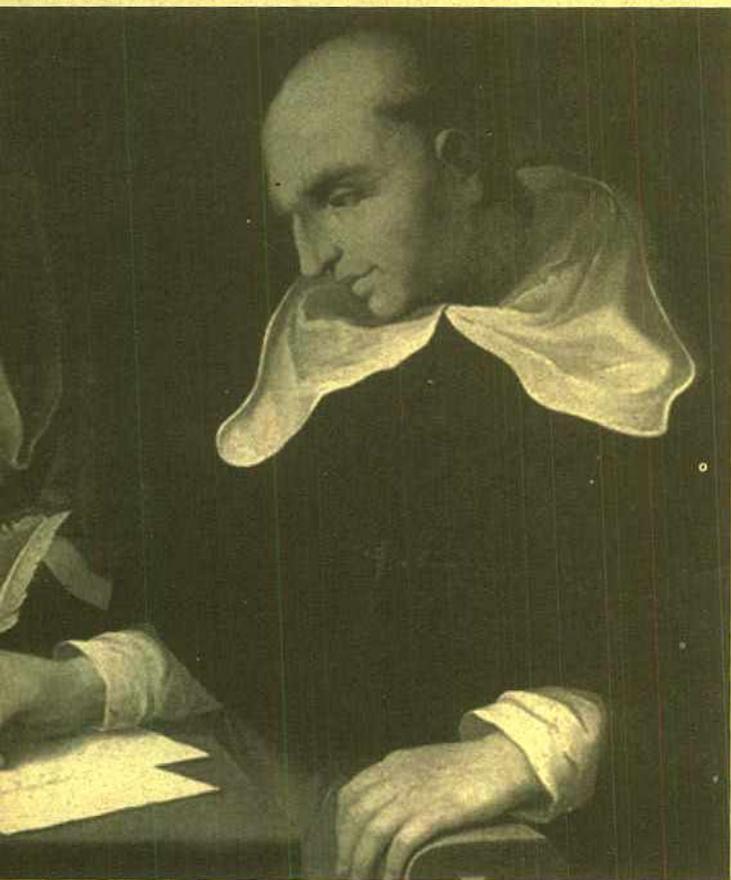
Bartolomé de las Casas

Frei Bartolomé de las Casas (Sevilha, 1474 — Madrid, 17 de julho de 1566) foi um frade dominicano, cronista, teólogo, bispo de Chiapas (México) e grande defensor dos índios, considerado o primeiro sacerdote ordenado na América.

Ao pisar pela primeira vez na América, Bartolomé de Las Casas estava motivado pelo espírito aventureiro e explorador de riquezas. Logo se adaptou ao estilo de vida dos colonizadores e aceitou naturalmente a exploração da população indígena. Chegou a participar dos ataques contra as tribos, e os escravizava em suas plantações.

Viajou depois a Roma, onde terminou os estudos e se ordenou sacerdote em 1507. Em 1510 retornou à ilha Espanhola na condição de missionário. A 21 de Dezembro de 1511 escutou o célebre Sermão do Advento do Frei António de Montesinos, que defendia a dignidade dos indígenas.

O profundo impacto da pregação levaram-no a converter-se à causa da defesa dos índios e a denunciar a crueldade dos colonizadores. É seu o texto reproduzido aqui e que nos dá idéia de como os índios eram explorados e como o colonizador encontrava argumentos para amenizar a própria consciência.





As palavras do frei De las Casas:

Para servir unicamente a seus interesses temporais, os espanhóis denegriam os índios, cobrindo-os da mais infame de todas as infâmias que se possam lançar sobre o homem, e pela mais odiosa e mais malvada das infâmias quiseram colocá-los fora da espécie humana: taxaram-nos de estar todos corrompidos do pecado abominável contra a natureza, incriminação essa que é de grande maldade e grande falsidade.

Pois em todas as grandes ilhas Espanholas, São João, Cuba e Jamaica e em sessenta ilhas Lucaias, onde havia um número infinito de gente, jamais houve

memória nem menção de tal fato, como podemos testemunhar, havendo feito inquéritos e colhido informações a esse respeito, desde o princípio.

Assim, também em todo o Peru jamais se falou de tal cousa. No reino de Iucatã nunca se encontrou um único índio que pudesse ser incriminado desse pecado, e o mesmo sucede geralmente em todas as Índias. Apenas em algumas dizem haver alguns, mas por isso não se deve difamar todo esse mundo novo. O mesmo dizemos a respeito de comerem carne humana, declarando que tal coisa não se faz nessas regiões; embora possa

ser praticada em alguns outros lugares.

Acusaram-nos também de idolatria, como se, ainda que fossem idólatras, pudessem ser punidos pelos homens e não unicamente por Deus, contra quem eles pecam. Possuindo terras e reinos e não devendo obediência a ninguém senão a seus próprios senhores naturais, estão na situação de nossos antepassados que do mesmo modo foram idólatras natos que a fé lhes fosse pregada: todo o mundo era idólatra no momento em que veio Jesus Cristo.

Também, pelo fato de os haverem encontrado tão humanos, taxaram-nos de

SEGUIE

VITUEIRO

Falls Park

Mudas frutíferas
e ornamentais

Fones: (45) 3573.1044
e 9124.6802

Rua Itapemirim, 101
Beverly Falls Park
Foz do Iguaçu - Pr.



ADVOCACIA

Criminal - Cível - Trabalhista

Fone: (45) 3027.1779

Av. Brasil, 531, Sala 54,
Gal. Center Abbas, Foz do Iguaçu, Pr.



Fone: (45) 3523.5886

e-mail: sigilus@foznet.com.br
Rua Rui Barbosa, 361, Centro
Foz do Iguaçu, Paraná

System

Manutenção
de computadores

(45)9942.3350



raphaelbessoni@hotmail.com

As palavras do Frei de las Casas...

animais e por os haverem visto tão humildes e tão dóceis tiveram a ousadia de dizer que não eram idôneos, nem capazes de seguir a lei e a fé de Jesus Cristo.

Os espanhóis, deliberadamente e propositadamente, impediram que a doutrina da lei de Deus e as virtudes fossem ensinadas aos índios, expulsando os religiosos das vilas e outros lugares, a fim de que não vissem nem descobrissem suas tiranias; assim arruinaram e corromperam pelos seus maus exemplos os índios, ensinando-lhes muitos hábitos maus que eles ignoravam totalmente; como, por exemplo, jurar e blasfemar o nome de Jesus Cristo, exercer a usura, mentir e várias outras maldades inteiramente contrárias a seu natural, que é humano, dócil e correto.

Dar novamente os índios aos

espanhóis, ou deixá-los a eles é o mesmo que dá-los e deixá-los a quem, sem dúvida nenhuma, os destruirá no corpo e na alma.

O rei Ferdinando, fraudulentamente induzido pelos espanhóis, permitiu que os índios fossem expatriados das ilhas Lucaias para a ilha Espanhola, havendo eles sido arrancados a seu país e suas casas contra todo e qualquer direito humano e divino. Expatriação essa com que se destruíram mais de quinhentas mil pessoas, de maneira que em mais de cinquenta ilhas (entre as quais havia algumas maiores que as Canárias), que estavam todas cheias de gente como formigueiros de formigas, não foram depois encontrados senão onze pessoas, fato de que somos testemunhas. Se disséssemos a Vossa Majestade quão grande era a bondade e a sinceridade dos habitantes.



Fábio Campana é jornalista e escritor em Curitiba, Pr.

epidemiadepoesia

Medo de poema

É isso mesmo:
medo de poema!
Aquele tal como a vida,
tal como o mundo,
tal como o sangue,
tal como desde o amanhecer
ao anoitecer,
tal como é.
Pois é sofrer duas vezes
criar o criado.
O espio calado!
Se contrário não for;
se contra a lógica imposta
não ser:
Náuseas.
Fogo!
Pó.

Poesia da mínima coisa

No mínimo quero-te ao lado
Em passos curtos e leves
De mãos estendidas
à outra mão mutilada
Que a ansiedade fatia
pela pressa de viver.

No mínimo
quero a resistência dos bravos
A franqueza
e sinceridade dos derrotados
O vermelho de luta jamais esquecido.

No mínimo
A coisa é mínima.
E para além do mínimo
A urgência do delírio.



Mayumi Takahashi é professora
do ensino fundamental em Foz do Iguaçu, Pr.

Playhouse

Grande acervo de filmes:

Europeus

Indianos

Iranianos

Chineses

Mexicanos

Japoneses

Peruanos

Argentinos

Chilenos

Suecos

Horário de atendimento

Segunda a Sexta: das 10 as 22h

Sábados: das 10 as 23h

Domingos e feriados: das 11 as 22h

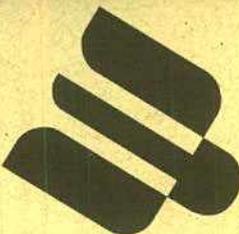
www.playhousevideo.com.br

Telefones:

3028.8881 / 99693584

Rua Almirante Barroso, 1254
Centro - Foz do Iguaçu - Pr.

o passageiro da poltrona 21



- Livre! livre!
As palavras sussurradas da poltrona 21 misturavam-se ao ruído do motor do ônibus no instante em que o motorista deixava a rodoviária de Foz do Iguaçu. O dono da voz, fez da manobra, uma espécie de marco zero para outro começo. Pelo tom, parecia feliz. Emendou o dizer solitário com duas batidinhas com o envelope no encosto da poltrona 19, materializando o primeiro brinde: tec! tec!

Ele abre a cortina enquanto o veículo serpenteia o boxe, o prédio, faz a curva para a esquerda, dobra novamente à esquerda, pega a direita por duzentos metros. É o cruzamento da Costa e Silva. É o corredor para a saída da cidade, acesso para a BR-277. Os demais passageiros terminam de arrumar sacolas, bancos, encostos...É o início de uma viagem de 18 horas e os primeiros minutos de liberdade de um jovem.

O ruído do papel sendo desdobrado permite deduzir que são inúmeras páginas. O ler da voz jovem, lendo para ele, deixa a certeza da falta da

escola na vida dele. É uma leitura de juntar letras, quase de adivinhação. O esforço do desvendar o escrito revela a hora da soltura: onze horas, trinta e oito minutos e vinte e oito segundos. Ele estava "livre" havia três horas. A espécie de bíblia do dizer da justiça foi fechada abruptamente, provocada pelas vozes no interior do ônibus.

- Todo mundo sentado que vem o primeiro posto da Polícia Federal, mas hoje parece tudo calmo por aqui. Ninguém vacila, todos no lugar.

O aviso é do líder do grupo, uma mulher de cerca de 40 anos, blusa estampada. A manga do braço direito caída deixando ver todo o ombro e a alça da langerry vermelha. A calça preta colada ao corpo revela dobras. Nos pés sandálias prateadas. Durante o embarque ela fazia o levantamento do volume e do número de malas de cada passageiro.

-É para saber do valor da caixinha depois do embarque em Cascavel. - avisava.



O ônibus reduz, quase se arrasta pelos pontos demarcados como "área duplamente federal". Dos passageiros nenhum ruído, nada. Todos parecem dormir. A poltrona 21 se faz invisível.

Retomada a segurança de que os "homi" não parariam o interior vira festa. É hora de relaxar, fazer contas e torcer para que o Posto da Receita Federal, distante 50 quilômetros, esteja fechado. Apesar do nome: Bom Jesus, o local é o mais temido de quem faz das compras no Paraguai combustível para abastecer bancas e lojas de todo o Brasil.

Mais de uma hora de viagem e a notícia: -o posto está fechado. Nova festa. Os habitues imprimem outro fazer, recorrem aos celulares. Todos ligam para os contatos com o seguinte dizer em forma de código: "Ta limpo? Não tem andorinha?". Neste ritmo o ônibus deixa

a BR-277 para a primeira parada: Medianeira.

Mais sacolas, novas malas, mais mulheres. Mesmo avisados da impossibilidade de desembarcar o passageiro da 21 se mexe, levanta mas não deixa o lugar, cala. Reabre o envelope, retoma a leitura sibilar. Entre os passageiros novos avisos são disparados: "Medianeira tá limpo. Sem andorinha".

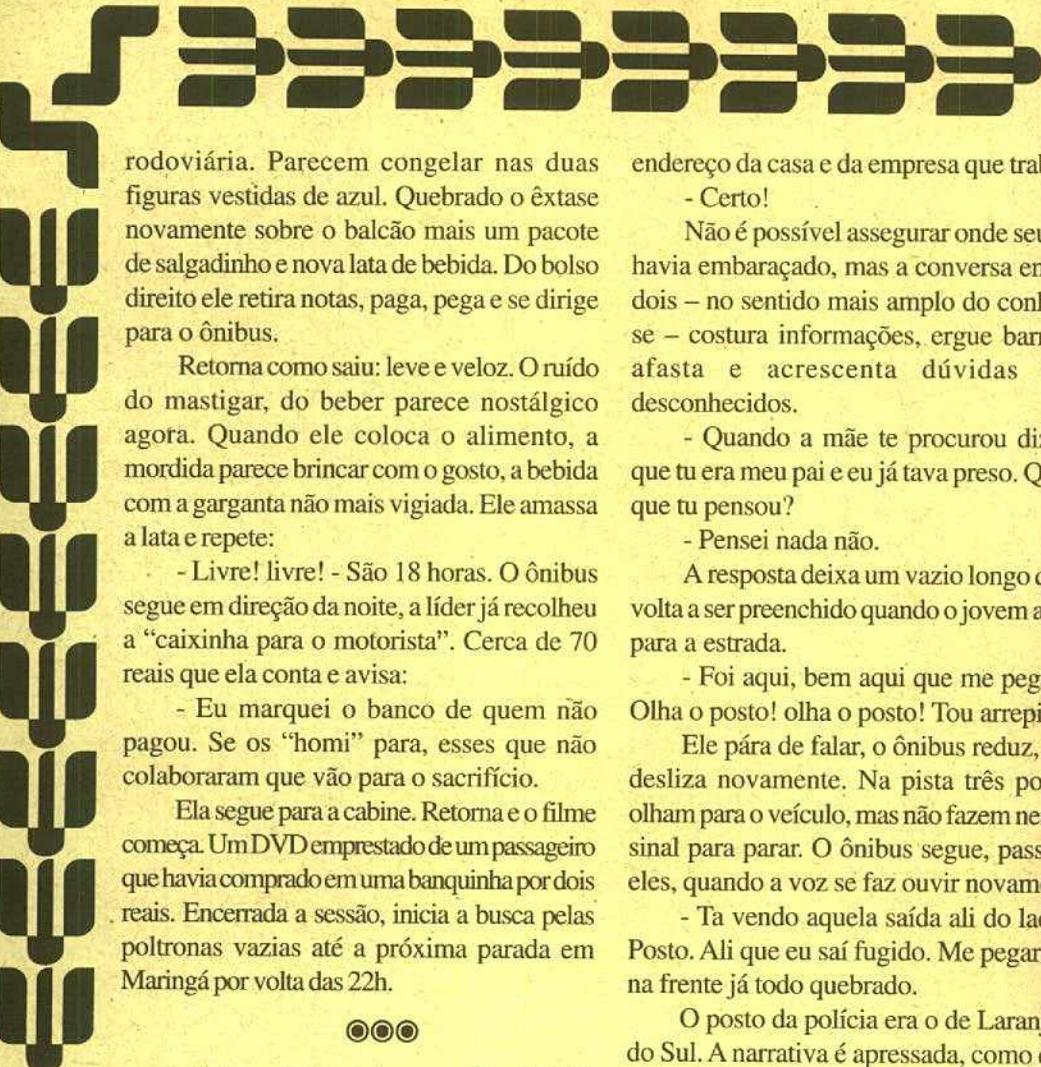


Na guarita da rodoviária de Cascavel, distante 140 quilômetros da fronteira o motorista informa: 18 passageiros. O ônibus mal estaciona e quase todos descem para encontrar os "colegas de compras". No ritual da muamba há quem prefira levar as mercadorias até Cascavel de carro, estratégia mais discreta. Na 21 o ruído é de quem também tem pressa. Ele desce, desaparece entre as cabeças da plataforma e ressurge na frente de um balcão de uma lanchonete.

Pelo vidro da janela do ônibus é possível dar forma a voz. Ele aparenta ter uns 22 anos, um metro e oitenta. O moletom cinza com faixa azul nas laterais, o tênis e o boné enterrado na testa veste o rapaz esguio, muito magro. No entorno do boné pequenos fios de cabelos mostram que o corte foi com máquina zero, estilo xadrez.

O atendente serve uma lata de cerveja e um pacote de salgadinhos. A voracidade com que ele avança sobre a bebida e o alimento revela mais que fome e sede. Parece que ele inicia o ritual de perdão com o mundo. Frenético ele enche a mão com punhados daquelas bolinhas e as leva a boca. Os goles fazem que a lata amasse. É uma sucção quase indecente.

Ele limpa a boca com as costas das mãos, vigia com o olhar, não o que tem nas mãos, mas o distante, o novamente novo do mundo. Os olhos correm do balcão para o ônibus, para o saguão. Param nos seguranças da



rodoviária. Parecem congelar nas duas figuras vestidas de azul. Quebrado o êxtase novamente sobre o balcão mais um pacote de salgadinho e nova lata de bebida. Do bolso direito ele retira notas, paga, pega e se dirige para o ônibus.

Retorna como saiu: leve e veloz. O ruído do mastigar, do beber parece nostálgico agora. Quando ele coloca o alimento, a mordida parece brincar com o gosto, a bebida com a garganta não mais vigiada. Ele amassa a lata e repete:

- Livre! livre! - São 18 horas. O ônibus segue em direção da noite, a líder já recolheu a “caixinha para o motorista”. Cerca de 70 reais que ela conta e avisa:

- Eu marquei o banco de quem não pagou. Se os “homi” para, esses que não colaboraram que vão para o sacrifício.

Ela segue para a cabine. Retorna e o filme começa. Um DVD emprestado de um passageiro que havia comprado em uma banquinha por dois reais. Encerrada a sessão, inicia a busca pelas poltronas vazias até a próxima parada em Maringá por volta das 22h.



- E ai seu João conheceu o filho há três anos!

- Que é, “muleque”!?

A troca de palavras ditas na escuridão de um ônibus em movimento parece sair de um pedaço do filme que havia acabado há pouco. Não são.

- Quem diria. Vai me levar de volta. Tu que eu só soube de ti quando cai. -diz o rapaz para o homem que senta-se ao lado dele, após mais de quatro horas do início da viagem.

- Certo! Tu tem a papelada ai? As coisas que o juiz te disse? Tu ta esperto?

- O juiz disse que para eu ficar fora da cadeia tenho de arranjar um trabalho logo. Todo mês tenho de mandar para ele o meu

endereço da casa e da empresa que trabalho.

- Certo!

Não é possível assegurar onde seu João havia embarçado, mas a conversa entre os dois – no sentido mais amplo do conhecer-se – costura informações, ergue barreiras, afasta e acrescenta dúvidas entre desconhecidos.

- Quando a mãe te procurou dizendo que tu era meu pai e eu já tava preso. Que foi que tu pensou?

- Pensei nada não.

A resposta deixa um vazio longo que só volta a ser preenchido quando o jovem aponta para a estrada.

- Foi aqui, bem aqui que me pegaram. Olha o posto! olha o posto! Tou arrepiado.

Ele pára de falar, o ônibus reduz, freia, desliza novamente. Na pista três policiais olham para o veículo, mas não fazem nenhum sinal para parar. O ônibus segue, passa por eles, quando a voz se faz ouvir novamente.

- Ta vendo aquela saída ali do lado do Posto. Ali que eu saí fugido. Me pegaram lá na frente já todo quebrado.

O posto da polícia era o de Laranjeiras do Sul. A narrativa é apressada, como quem quer passar logo pela memória tudo o que aconteceu, o 21, conta que há três anos, ele e mais dois amigos embarcaram em um carro em São Paulo para pegar uma encomenda no Paraguai: seis quilos de cocaína. Receberiam mil reais no momento da entrega.

- Quando a gente chegou aqui eu fiquei nervoso e deixei o carro apagar. Quando conseguir ligar eu arranquei, derrubei o policial na pista. Os outros federais seguiram a gente, perdi o controle e bati. Quando acordei eu tava ali, ali todo quebrado.

Ele aponta para uma unidade de saúde de Laranjeiras do Sul. Espera ônibus avançar e segue:

- Vim neste hospital onde fiquei três dias.

Espera! Vê ali a ruinha, essa ruinha dá lá na delegacia. Lá os caras me enquadraram.

- E os outros moleques?

- Eles ficaram seis meses porque quem estava dirigindo era eu. Fiquei com a maior condena.

Do mesmo jeito que sentou-se ao lado do filho, o homem levanta, se afasta. Senta-se em outro banco.

- Falô, véio!

Na rodoviária há pouco movimento. Nenhum passageiro. Do ônibus descem dois para a parada rápida, entre eles o 21. Retorna com novo pacote de salgado e mais uma cerveja. Todas as luzes são desligadas, menos a da 21 que recebe nova visita.

- Teu pai falou que tu ficou preso três anos por tráfico?

- Foi. Ele diz que é meu pai, mas não conheço ele. Só vi ele quando chegou com a minha mãe quando eu já tava preso na cadeia de Foz do Iguaçu. Minha mãe chorava e dizia: esse é teu pai.

A ausência de emoção na narrativa parece incentivar o “novo colega de banco”.

- Quando tempo você ficou na cadeia?

- Fiquei um ano na Cadeia Publica e após a condena foi para a amarela. - O termo foi emprestado da cor da roupa usada pelos presos do Presídio de Segurança Máxima de Foz do Iguaçu: amarelo. A penitenciária é uma das mais modernas do país, contrasta com o “Cadeião de Três Lagoas”, o mais inseguro e superlotado do Paraná.



- Como foi?

- Primeiro eu fiquei no cadeião. Lá era sinistro. Quando fui para a “amarela” sosseguei, mas tudo era na linha, nada fora do esquema. Fui para o canteiro de costura.

Passava o dia costurando. Lá era como uma fábrica, mas dessas pequenas, mas com

rigor. Cara! era muito calor, sauna mesmo. A coisa boa era o salário e a redução de pena.

- E como era namorar? – A pergunta parece não incomodar, e nem a falta de resposta.

- Normal, mas isso é coisa que fica lá dentro. Como a minha namorada desistiu assim que soube, fique só.

- Soube que rola de tudo nesses lugares?

- Sei de nada não.

O diálogo é interrompido com a chegada em Maringá. Todos desembarcam em busca de alimentos e toalete para quem recusa o disponível no ônibus. O rapaz desce.

Estica-se enquanto os olhos percorrem o cenário. Parece indeciso entre o restaurante e o balcão de lanches.

- Uma cerveja, uma batata frita e dois chocolates. – Senta-se à mesinha do canto. Olha para além do movimento. Tira do bolso um papelzinho. Lê e guarda. Os dedos são finos, pinçam as batatinhas colocadas a boca como hóstias. Degustadas com a mesma fé de quem comunga. Ele parece encantado com a embalagem. As cervejas sempre da mesma marca. O boné faz sombra aos olhos, impedem definir a cor. Mesmo livre, mantém o corpo preso entre os ombros, é um modo aprendido no cárcere de aparecer o mentos possível. Ele está só. O pai parece animado no restaurante.

Retomada a viagem, a madrugada acalma, a primeira fora da cela. No banco

sozinho ele parece imóvel, encostado com as costas para a janela, o olhar mesmo fechado está fixo para frente. Com os braços cruzados sobre o peito e as pernas em posição de ataque ele parece pronto para reagir. Ele contrasta com quem se espalha pelas poltronas, ganha o assoalho do ônibus, ou simplesmente passa a noite vigiando a estrada.

Por volta das cinco horas da manhã, já em Assis São Paulo, para para o café. O 21 desce, caminha pelo estacionamento. Desaparece entre os ônibus, reaparece na lanchonete com um pastel e um refrigerante. Novo degustar, novo apreciar o paladar. Há um pacto invisível sendo rompido, o amanhecer fora das grades. Tão estranho como os demais ele parece estranhar-se a si mesmo. Olha para as mãos já sem o alimento. Verifica os ombros, as pernas como se estivesse sendo revistado antes de entrar para o cárcere.

Caminha, para e olha. A sensação é de que irá saltar e correr e ele o faz. Para ao ouvir.

- O ônibus vai partir “muleque”.

Retorna e ganha a companhia do pai.

- Vou descer no viaduto da Castelo antes de entrar em São Paulo. Deixei o caminhão lá. Vou direto para a minha casa em Santos.

- Sei.

- E você?

- Para a casa da mãe. Ela ta esperando disse que vai reunir os amigo e fazer churrasco com cerveja.

É o último diálogo dos dois nas próximas duas horas. Há um silêncio de todos enquanto o ônibus avança rumo a Osasco, mas antes pára no viaduto para a descida do passageiro que olha para trás e só levanta a mão, num adeus sem palavras.

Uma hora mais tarde em Osasco parte do grupo desce. Carregadores esperam para o transporte das malas imensas. A mulher da blusa estampada e sutiã vermelho desce arrastando os tamancos.

O passageiro da 21 está com o rosto grudado no vidro. A respiração forma pequenas marcas no material frio. As mãos estão a poucos centímetros do rosto, também coladas na janela. Ali ele permanece até o terminal da Barra Funda. Na guarita o motorista anuncia: dez passageiros. Quatro ficam aqui e o resto vai para o Rio de Janeiro. Quando o ônibus para um ruído faz-se ouvir: frech! frech!, em poucos segundo o aroma de limão revela o ato. Ele havia passado desodorante, numa espécie de banho de cela.

Ele levanta, arruma o boné como pode, olha-se até os pés e dirige-se a porta do ônibus, desce, segue para a escada rolante. Ele não tem bagagem, carrega nas mãos um envelope pardo. Deixa-se levar pela escada e quando está quase no topo ele abre os braços e grita:

- Sampa!!!! aqui vou eu! – desaparece entre a multidão do segundo maior terminal rodoviário do Brasil. ☼

1- O “Andorinha” é a referência à presença de policiais rodoviários federais A cor do uniforme dos servidores é semelhante à plumagem das aves, comuns na região.

24



Sônia Vendrame é jornalista e professora, doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. O texto acima é resultado de anotações feitas em viagens entre Foz do Iguaçu para estudar.





entre mortos e feridos

Fotografia de Jac Gimenes, estudante de Publicidade em Foz do Iguaçu, Pr.

olhos

escrita

25

Buenos Aires. Cafés, alfajores e Borges por todos os lados. Aquele friozinho civilizado e muita chuva. "Buenos Aires é uma cidade muito melancólica, a chuva lhe cai bem". É a versão dos nativos.

Foi essa Buenos Aires que decidi conhecer. Não vi a cidade dos shows de tango e dos turistas. Quis ver a Buenos Aires dos argentinos. Foi fácil. Em pouco tempo, me senti em casa.

Talvez seja o frio, o tempo cinza, a chuva. Me lembram a minha Curitiba. Mas mesmo o que tem ali que a minha Curitiba não tem me lembra a casa. Em todos os cafés, em todas as livrarias e nas salas de tango, um aviso. Borges esteve aqui. E Borges me lembra a casa. Por uma paixão do pai, estantes cheias de Borges são tão argentinas quanto curitibanas para mim.

lado com cafés onde se pode sentar. E ficar. Eu nem tomo café. Mas um mate cocido e uma medialuna me caem muito bem, obrigada.

E os livros. Sebos repletos de obras do século XV. Lojas lindas, amplas, limpas. Vitrines bem cuidadas. Há gente nos sebos. E nada de leitura obrigatória. Livros técnicos, didáticos, paradidáticos e pseudo científicos devem ter um lugar próprio de venda. Nas livrarias não.

Fui muito bem atendida. Aliás, muito simpáticos os argentinos todos. Grande bobagem que são arrogantes. Sim, tem lá sua auto-estima elevada. Ótimo. Nada mais demodê que a auto-piedade. Além da palavra demodê, é claro.

Essa mistura de simpatia com confiança é muito acolhedora. Não é à toa que nós,

poderia imaginar acolhida mais calorosa.

O que dizer então do senhor Wilfred? Essa figura nos encontrou com guias e mapas abertos em plena rua buscando um restaurante. Ofereceu ajuda. Wilfred mora em San Telmo há 30 anos. Conhece tudo, mas esquece um pouco.

O senhor Wilfred nos leva andar em círculos até que encontramos o restaurante em questão. Um lugar que serve os trabalhadores locais. Nosso guia entra conosco e senta. Carne, vinho e postres. Ao fim do almoço, já nos contou mais sobre o Brasil do que nós mesmos conhecemos. Viaja à passeio ou para reuniões de carpintaria. Além de carpinteiro, ele também escreve. Ficção. Todos os argentinos também são escritores ou psicanalistas.

São cinco da tarde e o senhor Wilfred

Quando yo te vuelva a ver

Podia viver em Buenos Aires. O que me incomodou na cidade foram os conterrâneos, os brasileiros. Aos milhares chegavam falando alto a língua pátria e arruinando minha tentativa de viver a experiência argentina. Gritando no Cemeterio de la Recoleta em busca do túmulo de Evita. Ou de Madonna, não sabem bem a diferença. Imagino Bioy Casares a se revirar na tumba ao som da horda que perturba um velório.

Quis ser argentina. Apesar da crise, apesar de Cristina Fernández de Kirchner. Apesar de tudo. E, principalmente, com uma livraria em cada esquina. Livrarias por todo

brasileiros, invadimos o país vizinho nas férias e feriados. Vamos comer um bom bife de chorizo em Puerto Madero, um belo doce de leite, aproveitar o free shopping. Tudo bem. Mas vamos também porque o povo argentino é uma atração à parte.

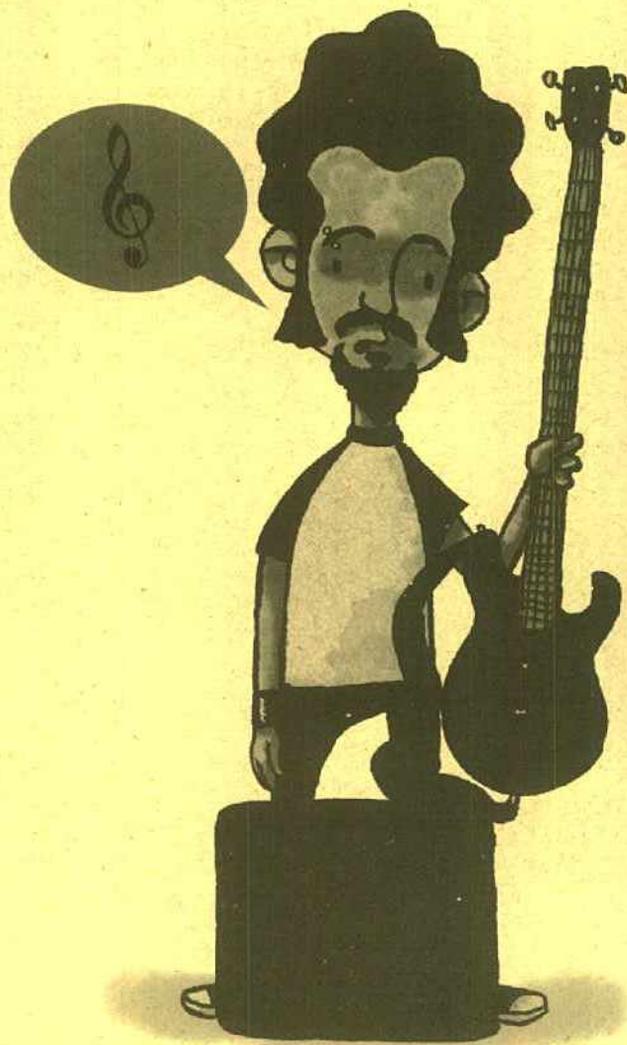
A verdade é que nos recebem de braços abertos. Há quatorze anos conheci Lorena na Inglaterra. Desde então, trocamos cartas, telefonemas, depois e-mails. Mas não nos vimos mais. Em Buenos Aires, minha amiga argentina viajou duas horas en el colectivo para me ver. Me levou à Tigre, cidadezinha de veraneio dos casais argentinos. Não

ainda não parou de falar. Pronto. Perdi todo o passeio. Não fui à Boca. Não conheci o Caminito. Uma sensação de ter sido raptada por esse senhor argentino toma conta de mim. Fico chateada com o adiantado da hora. Quero ir embora.

Corto o coração de Wilfred e me despeço. Ele se propõe a nos acompanhar ao hotel, mas é longe e não há necessidade. Andando de volta, penso no passeio perdido e no encontro espontâneo com meu novo amigo portenho. Não estou mais chateada. Sempre se pode ir ao Caminito. Uma razão mais para voltar à Buenos Aires. ✽



Izabel Campana é advogada em Brasília, DF.



MÚSICA, desenho de Lalan Bessoni, 
ilustrador em Foz do Iguaçu, Pr.



olhos

escrita

27

olhos & palavras



*Las poesías son los pensamientos que vagan en la mente, son el mar y sus historias;
canciones hechas por el tiempo que quedan en nuestros pies y en el alma.*

Alana Hauptt Borges

Formato

Na fábrica de sapatos
Se produzem sapatos
do mesmo tamanho para todo mundo
Para alguns serve,
Para outros dói e faz calo
Para resolver
Corta-se o pé de quem tem calos
E acabaram as reclamações.

Daniela Schlogl

Algo em mim
tem a vaga certeza
Que - enquanto passo a roupa -
Você dobra a esquina
E entre um passo e outro
Eu dobro a roupa

Lílian Alcântara

alguns momentos
meus sentimentos virados em
revirados medos e desafios
cada dia mais dor e incerteza
tecida em panos, ouros fios
na noite, calor e vazio
sussuros. será que confio
voz estranha, distante
inseguranças da vida
modificadas
experiências vividas
não faça nascer em mim a dúvida,
perceba meus motivos e se aquiete,
não jure, não iluda
não julgue.
sou uma mescla de amores constantes
indefinidos, pequenos instantes
de querer e arrependimentos.

Betania Neves

Foto de Julio Fornari, músico. Alana Hauptt e Betânia Neves são estudantes de Ciências Biológicas. Lílian Alcântara é estudante de Engenharia Civil de Infraestruturas. Daniela Schlogl é arte educadora. Todos o são em Foz do Iguaçu, Pr.

O que ensinamos

Serei breve. Tão breve quanto a infância: o que a escola te ensinou ou te ensina, caro leitor?

Esta pergunta é angustiante e poderíamos pensar em mil respostas. Mas sem muitos enfeites, penso constantemente que a escola, que nós educadores, adultos e (re/de)formados, estamos perdendo de vista o respeito à infância e impregnando em nossos alunos a podridão desta sociedade dividida em classes, desta sociedade dos poucos.

“Nós professores fazemos o trabalho sujo da burguesia”. Esta frase de um lúcido educador me tomou há alguns dias atrás. Desde então tenho observado coisas sutis na escola que comprova a frase citada.

Uma das observações é a oferta de atividades esportivas e culturais das escolas. Até aí tudo bem, é sadio e importante para a formação do aluno. O problema é quando deixa de ser uma oferta valorizando o “espírito esportivo” para ser uma atividade obrigatória, competitiva e seletiva! Num modo geral estas atividades não têm espaço para todos, os

“desajustadinhos”, os “fraquinhos” e todos os “inhos” comumente apelidados na escola ficam de fora por não atenderem a tal modalidade esportiva ou cultural numa quase seleção darwinista. Mas por azar dos organizadores, existem alunos que se negam a participar: “quem disse que eu quero?” Mas depois de uma conversinha aqui, outra ali, mundos e fundos: “lembrei que quero participar”.

Imaginem-se numa situação em que alguém lhe diz que não pode fazer algo usando como justificativa a sua condição física ou intelectual, ou alguém lhe persuadindo a fazer o que não quer? Já não é horrível para nós jovens ou adultos? Imaginem para uma criança em pleno processo de formação intelectual, de construção da subjetividade e da relação indivíduo-sociedade?

Como um rolo compressor, passamos por cima de tudo isso e adulteramos crianças, pois nestas competições ensinamos que tudo vale. Vale descumprir regras coletivas e vale o “jeitinho”.

Dizemos ainda, que o importante não é ganhar, é participar! Mas participar não é competir? E quem compete não quer ganhar?

Enfim, tudo isto para quê? Para alimentar o nosso ego, para saciar o dever cumprido, para obedecer sabiamente os ditames verticais?

Estas perguntas que são respostas eu aprendi na escola. *



Mayumi Takahashi

é pedagoga e professora do ensino fundamental em Foz do iguaçu, Pr.



ideal
INDÚSTRIA GRÁFICA

Fone (45) **3523 7176 / 3028 7176**
Av. dos Imigrantes, 80 - Vila Yolanda - Foz do Iguaçu - PR
graficaideal@compubras.com.br

RESTAURANTE
Sabor Mais
NATURAL

*Uma opção saudável,
pertinho de você!*

*Venha provar
e se deliciar!*

Tel. (45) 3025-5700

Segunda à sábado;
das 11h as 14h30m

Rua Almirante Barroso, 1466 - Sala 4 - Galeria Viela - Foz - PR
www.sabormaisnatural.com.br

Cardápios elaborados e supervisionados por nutricionista.

IDEIAS

VALE A PENA VOCÊ

PÔR NA SUA CABEÇA

www.revistaideias.com.br

Travessa
dos Editores





O Natal mais brilhante que Foz do Iguaçu já viu.

A magia tomou conta de Foz do Iguaçu. Venha se encantar com o Natal das Cataratas. Além de um concurso que premiará as melhores decorações natalinas da cidade, uma grande programação cultural foi preparada especialmente para você: atrações como o Balé do Teatro Guaíra, Coral de Itaipu, Orquestra Paranaense de Viola Caipira e muito mais. Acesse o site, confira a programação e venha se emocionar com o Natal mais brilhante que você já viu.

